

## Pe. Manuel Fernando Presidente da Irmandade dos Clérigos

Terminamos o ano de 2019 a festejar os melhores resultados de sempre.

Havíamos recebido cerca de 1.500.000 (de) visitantes no Complexo dos Clérigos, o que representava um crescimento da nossa operação em cerca de 20%.

Tínhamos delineado um plano de ação para o ano de 2020 bastante otimista quer na vertente turística quer nos apoios sociais aos hospitais da região metropolitana do Porto, missão intrínseca que sempre pautou o ADN da nossa Instituição com mais de 250 anos de história.

E, de facto, os meses de janeiro e fevereiro vieram comprovar o sucesso que poderíamos esperar no final desse ano, mas, por outro lado, assolou-nos uma preocupação desconhecida quando, em dezembro de 2019, se confirmava, na China, a transmissão entre humanos de um novo tipo de pneumonia viral. Vimos as altas patentes chinesas extremamente preocupadas com o elevado grau de contágio deste novo surto.

Em fevereiro de 2020, víamos novos casos a surgir de forma alarmante em Itália e na vizinha Espanha, achávamos que seria uma questão de dias ou mesmo horas para que o vírus se propagasse por Portugal. Assim aconteceu.

A direção à qual presido tomou posse a 9 de março de 2020 e a 13 de março, por decisão própria, suspendíamos as visitas à Torre, ao Museu e à Igreja dos Clérigos, num sinal claro à cidade, que deveríamos prevenir e conter a propagação deste vírus.

Foi um sentimento agriçoce. Verdadeiramente desconcertante.

Apesar de termos estado com a atividade suspensa, nunca estivemos parados. Olhamos para os canais digitais como uma forma de dar continuidade ao nosso trabalho e estar perto das nossas comunidades.

Reabrimos em final de maio de 2020 com a vontade de mostrar aos nossos visitantes, até então na sua maioria estrangeiros, o que foi viver o Porto vazio, o Porto sem as suas gentes e sem os seus turistas, mas ao mesmo tempo mostrar uma luz, uma esperança de que vida não parou e que todos juntos conseguiríamos ultrapassar esta pandemia.

Procurávamos afincadamente por olhares que eternizavam os momentos sombrios, as emoções, as vivências e sobrevivências de um povo caloroso, simpático e afável.

Encontramos os excelentes trabalhos de Clara Ramalhão (fotografia) e de Paulo Ferreira (vídeo), que nos marcaram profundamente, despertaram-nos momentos sublimes...

Criamos as pontes necessárias para hoje termos esta bela exposição no nosso Museu e que possamos desafiar todos a pensar na fragilidade do nosso mundo e do ser humano.

Esta aventura do olhar faz-nos pairar por toda a cidade. Em cada detalhe a leitura do sentimento que expõe toda a humanidade!

PE. MANUEL FERNANDO  
PORTO, MAIO 2021



# CLARA RAMALHÃO

Clara Ramalhão é portuguesa, nascida em Lourenço Marques, Moçambique.

Médica, Neurorradiologista, desenvolve a atividade como fotógrafa desde 1997.

Afirmando-se como uma humanista no seu perfil fotográfico, Clara Ramalhão privilegia o seu trabalho artístico, o retrato, a expressão do olhar, a riqueza do gesto humano.

Participou em diversas exposições fotográficas, individuais e coletivas, em Portugal e em Moçambique, e tem várias publicações em revistas e jornais de referência cultural. Tem ligações a diferentes instituições com enquadramento específico em Fotografia, como o IPF, o IPCL, o CPF, e, mais recentemente a Escola das Artes da Universidade Católica do Porto, na área do Mestrado em Fotografia Artística, pela Escola das Artes daquela Universidade.

A última exposição fotográfica individual de Clara Ramalhão, A Voz da Forma / The Voice of Shape, que contou com a colaboração e chancela da Unidade de Cultura da Reitoria da Universidade do Porto através do Projeto Casa Comum, explorou a relação entre a forma da natureza e a forma humana, tendo como pano de fundo a Namíbia. Dessa exposição resultou um livro com o mesmo título, prefaciado por Mía Couto e editado pela Coral Books.

Clara Ramalhão lidera, há mais de 10 anos, projetos de intervenção humanitária em saúde e na área do desenvolvimento em Moçambique. É, desde 2017, fundadora e Presidente da MAssALA – Associação de Médicos no Abraço a Moçambique. Esta ONGD de cariz humanitário tem como objetivo identificar áreas de carência na saúde em Moçambique e desenvolver e implementar projetos de intervenção no terreno.

WWW.CLARARAMALHAO.COM

## Sinopse

CLARA RAMALHÃO  
PORTO, MAIO DE 2021

Naqueles dias de quarentena assombrou-se inquietude sobre nós, pela incerteza que pairava em torno de um vírus desconhecido que nos castigava, encaminhando-nos ao recolhimento absoluto pela primeira vez visto ou vivido.

Estávamos em março de 2020.

Despoletava a pandemia e Covid 19 era o nome da doença fustigante.

Perante um sentimento de abandono face a um futuro incontornavelmente incerto, resolvo recolher-me na minha interioridade, avançando sem medo, ainda que profundamente solitária, para o escrutínio do silêncio, do espaço físico e da esfera humana que se me abeirava e fluía a passos largos no seio de mim mesma

Recolhi-me então pela necessidade de tentar imortalizar, de tentar eternizar o momento dúbio e ameaçador, em que nos encontrávamos e faço uso essencialmente de duas ferramentas preciosas:

o meu impulso emocional e a minha câmara fotográfica, avançando para o registo, num “instante decisivo”, do momento, daquele momento.

Deslocava-me quase que em segredo com as armas de que disponha ao terreno, árido de uma quietude inquieta.

A minha meta era gravá-lo, num eterno, porque o sentia absolutamente singular e em simultâneo estranhamente belo.

Sim, belo pelas intensas emoções que despertava, perflilhando-o numa ligação à minha cidade, o Porto, palco figurativo daquilo que se passava de forma avassaladora pelo mundo, atravessando sem pejo fronteiras que até então julgávamos intransponíveis.

De repente, de donos e senhores do universo, ficámos todos reduzidos, invariavelmente todos, sem olhar a cor, a raça, a estatuto social ou a qualquer estereótipo de aparente perfeição e bem estar, espaços e pessoas, a muito pouco por um lado, mas epicamente a tanto por outro. Esse tanto, encorpado pela tomada de consciência tão emergente do valor da nossa existência, e que passaria de repente a ter uma voz tenaz, que encerrava movimentos incessantes em torno da luta pela vida, pela sobrevivência, pelo equilíbrio, movimentos estes que se perscrutavam pungentes e que espelhariam o melhor de nós mesmos.

Sentia então a necessidade, a obrigação enquanto pessoa e fotógrafa, à qual seria impossível fugir, de gravar esse meu sentimento, num aqui e agora, atrevendo-me a espelhar ou a fazer passar em mensagem um sentimento comum a todos e de todos, tão frágeis mortais, que tantas vezes nos mascaramos do que nos cega para a essência da humanidade, agora avivado por esse momento singular e estranho, muito estranho, mas paradoxalmente tocando o sublime.

Foi deste modo que fotografei silenciosamente só, tudo o que acabo de dizer, os silêncios de uma cidade parada, entre bancos abandonados, mesas esquecidas, janelas e portas entreabertas, ruas desertas, calçadas nuas, o raiar de luz entre sombras, magníficos perante a escassez do vazio, e as gentes; o pincelado humano que se me abeirava, captando olhares fugidios, de medo, de dúvida, de ligação ao mundo e a Deus, muitas vezes numa atitude de súplica.

Descobrinho Beleza no silêncio.

Que de alguma forma repousava sobre uma Esperança latente de um Céu que se queria mais Azul.

Assim foi construído o conceito desta Exposição, a sua mensagem maior assente nesta Narrativa Fotográfica que conta a história de um sentir, num momento preciso que marcará a evolução da nossa civilização.

a luz pousava sobre a cidade *the light was setting over the city*  
ruas desnudas asfaltos descalços *bare streets untrodden pavements*  
portas seladas *doors sealed*  
cadeiras *chairs*  
mesas empilhadas à espera de um novo dia *tables piled up waiting for a new day*  
incerto *unsure*  
futuro sem aviso *future without knowing*

jardins quietos inquietos *quiet gardens disquieted*  
em verdes indelévels *of indelible greens*  
varandas nuas *naked verandas*  
sombras raios de sol em cada chão *shadows rays of light on each floor*  
pedaços de nós em tonalidades *bits of us in tones of*  
cinzentas *grey*  
baladas tristes *sad ballads*

sentia *i felt*  
o assombro do que nos assombrava *the fear of what was frightening us*  
sentia a melancolia *i felt the melancholy*  
esperança tímida *shy hope*  
compasso de espera sem tempo *pendulum of waiting without time*

sentia *i felt*  
estranhamente *strangely*  
sentia vida pungente *i felt life suffering*  
entre janelas varandas portas *behind windows verandas doors*  
a gritar por salvamento *shouting out for salvation*

de quando em vez me agarravam no olhar *every now and then they caught my eye*  
rostos vagabundos com *wretched faces in a*  
pressa do amanhã *hurry for tomorrow*  
receio do invisível *suspicious of the invisible*  
saudades do futuro *longing for the future*  
a magnitude do humano *the magnitude of humankind*  
na profundidade do caminhar *in the depth of the journey*

neste porto só *in this lonely porto*  
mora a alma da humanidade *lives the soul of humanity*  
intensa *intense*  
sublime estado de sentir este *with its sublime state of feeling*  
que alimenta espaços vazios *it feeds empty spaces*  
nos absorve enquanto Vida *it absorbs us whilst it Lives*  
pela Vida *For Life*

assim está o meu porto só *this is my lonely porto*  
eu envolta em solitude que me estilhaça o coração *i am surrounded by solitude which breaks my heart*

o céu está mais azul *the sky is bluer*

CLARA RAMALHÃO  
DEPOIS DO 16 DE MARÇO DE 2020 - COVID19  
AFTER MARCH 16, 2021 - COVID-19

Só Neste Porto Só

Alone in this Porto Alone



Alma Soul

## LOCKDOWN PORTO

### UM FILME DE PAULO FERREIRA

#### O autor | Paulo Ferreira

Natural e residente em Gondomar, Paulo Ferreira viu já o seu trabalho reconhecido dentro e fora de fronteiras. Enumerar todos os prémios obtidos nesta sua jornada, tornar-se-ia demasiado extenso. Destacam-se, na vasta lista, dois Óscares do Documentário Independente Internacional de Hollywood, nas categorias de melhor documentário e melhor fotógrafo na técnica de timelapse, e Golfinho de Prata em Cannes Corporate Media & TV Awards, na categoria Natureza, Ambiente e Ecologia, prémios que colocam a sua carreira artística num patamar de excelência mundial e único a nível nacional. Durante quase uma década, multiplicam-se os trabalhos por lugares belos de Portugal, que nos brindam com a magia da natureza, como o Parque Natural de Noudar, o Parque Natural do Alvão, o Parque Nacional da Peneda-Gerês, o Douro Internacional, Marvão, Gondomar, Porto, entre muitos outros. Por onde Paulo Ferreira passa, há registo da pureza e das paisagens dos lugares, muitas vezes esquecidos, pela velocidade da vida que corre veloz, sem tempo para contemplar. Mas não só de Portugal se constrói o trabalho de Paulo Ferreira. Depois da aventura pelos Picos da Europa, em 2016 guiou-nos e ofereceu ao mundo Nordlys - As luzes do Norte, o documentário registado em regiões acima do Ártico Círculo na Noruega, refletido na aurora boreal. Em 2017, a câmara fotográfica de Paulo Ferreira – sua companheira inseparável - seguiu por terras chilenas e argentinas, de onde nasceu Patagónia - Ponta do Mundo. Nova Zelândia e Islândia também deram origem a documentários premiados e reconhecidos mundialmente, imbuídos numa mensagem clara e transversal a todo o seu trabalho: a preservação do planeta Terra e a necessidade de cada um de nós tomar decisões, antes que seja demasiado tarde para conseguirmos reverter as duras consequências da mudança climática.

Paulo Ferreira nunca deixou – nem deixará - de espalhar e disseminar a sua mensagem pelo mundo: a natureza não precisa de nós, ela é forte, de uma simples pedra consegue gerar vida. Nós, sim, precisamos dela. Por isso, quanto mais longe chegar esta mensagem, quantas mais pessoas puderem contemplar a sua beleza, que, por vezes, nos corta a respiração, talvez então consigamos todos perceber que a natureza tem de ser tratada como ela merece: com apreço, cuidado e respeito.

Os seus filmes e documentários continuam a ser reconhecidos em festivais de cinema portugueses e internacionais. As imagens extraordinárias da Mãe Terra nos locais mais belos e inóspitos da Terra, aliadas a mensagens que nos permitem refletir um pouco mais sobre o nosso comportamento, os nossos atos e o nosso desrespeito com a nossa casa, são uma combinação poderosa e o reflexo do seu sucesso. Paulo Ferreira emociona com a beleza do mundo e a esperança de que os habitantes mudem, antes que seja tarde.

#### A obra | Lockdown Porto

Uma janela de luz.

A beleza fria de uma cidade vazia, em dias sombrios, e a certeza de que dias mais brilhantes voltarão. Esta foi a gênese deste trabalho, desenvolvido na época mais atípica das nossas vidas.

Senti que a pandemia gelou a cidade e que a vida, de repente, se tornou cinzenta. Como tive a possibilidade de sair de casa no período de confinamento, por razões profissionais, acabei por captar registos da cidade, quase totalmente deserta. Por isso, e motivado pela esperança de que dias melhores virão, decidi fazer este vídeo para perpetuar no tempo este período. Quero que ele represente uma janela de luz e esperança para todos os que amam esta cidade. Nele vemos retratados dois períodos muito distintos: o antes e o pós-confinamento, com uma passagem pelas terras durienses, onde as colheitas continuaram a crescer, como símbolo da vida que não para e se multiplica.